

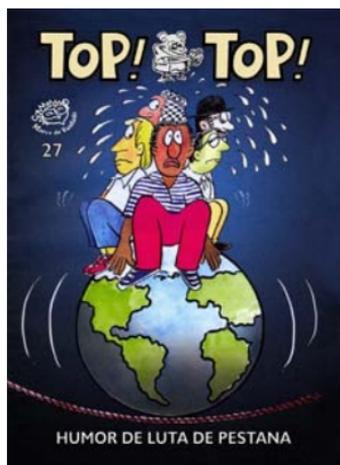
# TOP! TOP!

  
Marca de Fantasia

27



HUMOR DE LUTA DE PESTANA



# TOP! TOP!

Nº 27 - Agosto de 2016  
ISSN 2177-1391



Editor: Henrique Magalhães.  
Rua Maria Elizabeth, 87/407. João Pessoa, PB. 58045-180.  
[www.marcadefantasia.com](http://www.marcadefantasia.com), [marcadefantasia@gmail.com](mailto:marcadefantasia@gmail.com)

A editora Marca de Fantasia é uma atividade da Associação Marca de Fantasia e um projeto do NAMID - Núcleo de Artes Midiáticas, do PPGC - Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB.

Colaboração: Eron Ramos, Maurício Pestana e Sergio Más.  
Os textos não assinados são de autoria do editor. As colaborações em textos, ilustrações e quadrinhos são propriedade e responsabilidade dos autores.

Fanzine tem dessas coisas, toma fôlego, ganha uma legião (pequena, sei) de fãs e depois some. São muitas as razões para o sumiço de um fanzine, desde a falta de leitores até as mudanças no hábito de leitura, com o predomínio das plataformas digitais. Com o Top! Top! aconteceu tudo ao mesmo tempo. Os leitores foram sumindo até não fazer mais sentido editá-lo; por outro lado, meu trabalho editorial ganhou ritmo frenético, vide o catálogo da Marca de Fantasia.

Mas como fazer fanzine é um vício, com ou sem leitores resta o prazer de fazê-lo, que é o que sempre nos moveu. Aos poucos os órfãos do papel vão retomando o gosto pelo manuseio de um bom fanzine impresso.

Com intervalo de seis anos, o Top! Top! volta com classe dando destaque ao incrível trabalho humorístico/militante de Pestana. Vale a retomada.

Henrique Magalhães



## Roteiro

Capa: ilustração de Maurício Pestana

3. Cartum. Sergio Más

5. Humor de luta:

entrevista de Maurício Pestana com Henrique Magalhães

23. Galeria - Maurício Pestana

35. Chamada Geral

38. Lero-lero



# Humor de luta

MAURÍCIO PESTANA

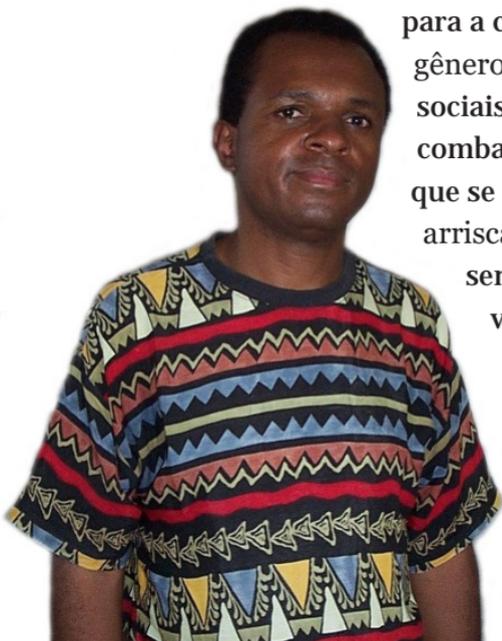
em entrevista com Henrique Magalhães

**O** Brasil tem vasta produção de humor gráfico, com salões de prestígio internacional e espaço respeitado nos jornais. Essa tradição, que remonta o início de nossa imprensa no século 19, consolidou-se na luta cotidiana contra o regime de exceção, a partir da década de 1960. Se a questão política é privilégio

da charge, ao cartum cabe outro campo para a crítica, como as questões de gênero, os conflitos étnicos, raciais e sociais. Nem todo cartum tem caráter combativo, questionador, mas os que se propõem a isso enfrentam o arriscado desafio de não ceder ao

senso comum, aos preconceitos e visões estabelecidas. Mais difícil ainda é fazer humor engajado, que seja capaz de confrontar não só as ideias preconcebidas quanto as contradições dos próprios movimentos sociais.

Maurício Pestana milita nesse campo minado. Essa



é a definição mais apropriada para a sua arte, a militância, que tem no cartum sua arma, seu grito de guerra, sua ferramenta de luta. Quase que um Quixote em meio ao humor gráfico nacional, Pestana é negro e elege a negritude como objeto de investigação e força de expressão. Com uma obra reconhecida no país e no exterior, Pestana trabalha com precisão os conflitos que afligem uma cultura que sofre ainda hoje com a discriminação e o desprezo.

Paulista, de Santo André, Pestana é jornalista, publicitário, car-

tunista e gestor público. Há três anos passou a atuar como Secretário Adjunto na Secretaria Municipal de Promoção à Igualdade Racial, de São Paulo, tornando-se Secretário titular há um ano. Começou a publicar cartuns na década de 1980 no jornal *O Pasquim*, depois no *Diário do Grande ABC*, *Diário Popular*, *Classe Operária* e *Gazeta Esportiva*. Já lançou várias obras, algumas traduzidas para o inglês e espanhol.

Em sua bibliografia destacamos *A Transação da Transição* (1985); *Negro no Mercado de Trabalho* (1986); *Educação Diferenciada* (1989); *Meu Brasil Brasileiro* (2002); *Racista, eu!? De jeito nenhum* (2001); *São Paulo Terra de Toda Gente* (2004); *Revolta dos Malês: a saga dos muçulmanos baianos* (2010); *Revolta da Chibata: a revolta cidadã dos marinheiros* (2011); *Dois de Julho: a Bahia na Independência do Brasil* (Fundação Pedro Calmon, 2013); *Negro, uma*

Convide para a exposição de 30 anos de arte de Pestana, em 2011

O Ibak - Instituto Cultural  
Batá Kotó convida para o  
lançamento da Coletânea:

**Pestana**  
30 ANOS DE ARTE PELA IGUALDADE

21 de fevereiro de 2011, às 19 horas  
Museu da Língua Portuguesa  
Praça da Luz - Centro  
São Paulo - SP  
Tel: (11) 3326-0775

Realização

Apoio

RSVP: Por favor confirmar presença até 18/02/2011  
pelo e-mail: cartarsonero2@gmail.com

outra história: aplicando a Lei 10.639 (2014); *A Presença Negra e Indígena na Independência do Brasil* (2014); *Racismo, Cotas e Ações Afirmativas* (2014). Foi diretor executivo da *Revista Raça* por 7 anos. Atualmente, integra o Conselho Deliberativo do Baobá – Fundo para a Equidade Racial.

Em novembro de 2004 conheci Pestana em Teresina, no Salão de Humor do Piauí, para o qual fomos convidados. Eu para palestra e oficina de fanzines, ele para exposição de pôsteres e cartuns. Foi uma descoberta surpreendente e um encantamento por sua pessoa e obra. Esta entrevista realizou-se durante o evento, mas, por vários motivos de trabalho e pessoais - o fanzine *Top! Top!* para o qual fora concebida, deixou de circular há anos -, só agora tem sua transcrição concluída. Apesar da defasagem de tempo, as informações e o pensamento de Pestana continuam fortes e atuais, merecedores de difusão e da retomada de nossa publicação. A entrevista (com atualizações) contou com a participação especial do quadrinista Jô Oliveira.



*Maurício, de onde você é?*

Sou de Santo André, Grande São Paulo, mas sempre morei na capital.

*Qual sua idade?*

Nasci em 1963, faço 41 anos em 2004.

*Você está bem inserido no mercado. Onde já trabalhou?*

Sempre fui cartunista político. Já trabalhei em vários órgãos da

grande imprensa, mas comecei a publicar no *Pasquim*, em 1982.

*Você sempre atuou como profissional ou publicou como amador?*

Comecei a desenhar profissionalmente quando tinha cerca de 17 anos. Eu trabalhava na redação da revista *IstoÉ* e do *Jornal da República*, um jornal muito combativo, que existia na época em São Paulo, e que agrupava um pessoal muito bom, dos jornais alternativos *Movimento* e *Versus*. Mino Carta era o diretor e Henfil participava como cartunista. Na realidade eu trabalhava como *past up* (também chamado “paginador”, cuja função era montar o jornal colando textos e imagens no diagrama), como arte finalista, não tinha intenção de ser cartunista. Minha desejo era fazer publicidade. Naquela época todo mundo queria ser publicitário, pra ganhar dinheiro. Até cheguei a fazer o curso de Publicidade, mas trabalhei muito pouco nisso; fiz estágio na agência Thompson, que é uma agência grande de propaganda. Lá, eu também era arte-finalista e programador. Com

desenho, sempre trabalhei como cartunista.

*Trabalhou também como quadrinista?*

Os quadrinhos entraram em minha vida por um atropelo do destino há dois anos (2002). Sempre atuei como cartunista. Trabalhei por 17 anos (desde 1987?) nas redações de jornais, contando com o período que fiquei na *IstoÉ*, que nem era como cartunista. Fiz



Edição comemorativa dos 20 anos de trabalho de Pestana

muita tira com personagens, mas não considero tira como quadrinhos. Prefiro mesmo o cartum, eu me defino como cartunista.

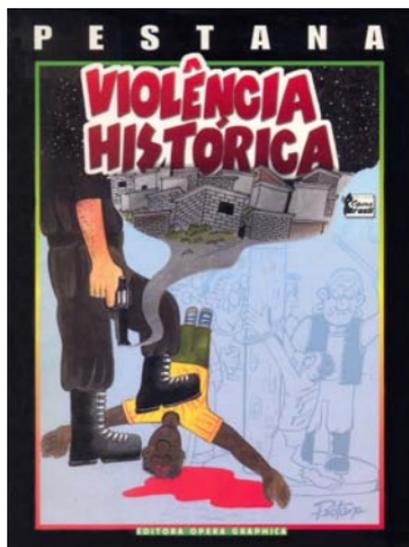
*Muitas tiras têm o mesmo teor da charge.*

Eu defino os quadrinhos da seguinte forma: a grande ideia é um cartum, depois você passa a fazer a tira, que é um pouquinho maior; se você quiser estender um pouquinho mais você tem uma história em quadrinhos. Fiz muitos quadrinhos, mas apenas de uma página. Uma história longa só fiz agora (2004), a convite da editora Opera Graphica, que queria fazer um álbum com meu trabalho. A proposta da Opera Graphica veio em sequência a um trabalho que eu tinha feito para a editora Escala, que foi o livro *Racista eu, de jeito nenhum*. O livro reuniu 20 anos de meu trabalho como cartunista, mas só falando da questão racial. Esse livro vendeu muito, teve tiragem de 100 mil exemplares e distribuição em bancas de jornais. A primeira edição esgotou, depois foram feitos mais exemplares. Com isso, a Opera Graphica me propôs fazer

quadrinhos, o que pra mim era um desafio. Eu tinha um sonho de um dia fazer quadrinhos, mas era um sonho remoto, para quando eu estivesse lá pelos meus 70 anos.

*Você chegou a fazer o álbum?*

Fiz todos os originais de *Violência Histórica*. Foi muito legal. Aí eu descobri quanto é gostoso fazer quadrinhos. Franco de Rosa (quadrinista e editor) brincava comigo dizendo que agora os quadrinhos



O cartunista revela-se também autor de quadrinhos apresentando a trajetória da violência histórica

entraram em minhas veias e eu não iria querer fazer outra coisa. Levei uns três ou quatro meses para fazer o álbum, enquanto fazia outras coisas, mas gostei tanto da história, gostei tanto do roteiro! Eu tenho oito livros, já produzi umas 40 cartilhas, mas quando perguntam qual meu trabalho preferido sempre lembro desse álbum, justamente de quadrinhos, que é algo que não faço habitualmente, de tão fascinante que é fazer quadrinhos. Só não faço quadrinhos porque eles exigem um tempo, uma dedicação que infelizmente hoje eu não teria condições de dispor.

*Além dos desenhos, o argumento e o roteiro do álbum são seus?*

Sim. Nesse álbum eu consegui realizar um grande sonho meu. Todo mundo que escreve tem um livro de cabeceira, que é um livro do sonho. Tem um livro que eu adoro, do americano Alex Haley, chamado *Negras raízes*. Dele foi feito um seriado, transmitido aqui pela Globo. Era uma saga de quatro gerações, que contava a vida de um cara vindo da África como escravo para os Estados Unidos,

depois a vida do filho e do neto. Foi sempre um sonho de minha vida contar a história de algumas gerações de negros no Brasil.

Em *Violência Histórica* acho que consegui fazer isso. O problema foi que primeiramente Franco falou que eu tinha que fazer o álbum em 30 e poucas páginas, o que era impossível, porque era uma história muito longa. Então fiz o álbum com 48 páginas. Eu queria retratar quatro gerações de negros, até porque a escravidão no Brasil acabou há pouco tempo. Então eu queria pegar a história de um cara na África, o transporte dele pra cá, queria contar um pouco da história dele chegando em Salvador, depois contar a história do negro nordestino, o filho sendo vendido... até os dias de hoje.

A história começa com um garoto sendo morto na periferia. Eu quis fazer na linguagem do hip hop, na linguagem de rap, a capa é muito violenta, é um policial matando um jovem. Eu começo o álbum com um orixá, o Obaluae, que na religiosidade africana é quem cuida da morte, levando o personagem ao passado para encarnar na pele do tataravô dele,



Página do álbum Violência histórica, lançado pela Opera Graphica

que é um rei. Dessa forma vou contando toda a história, falo da libertação, de quilombos, em 48 páginas. O legal é que eu fiz a sinopse e o roteiro, quando consegui desenhar o roteiro dentro desse espaço, fiquei super feliz. Além da Opera Graphica, acabei lançando esse álbum também em Portugal, através de um convênio com a FNAC.

*Você tem outros projetos dirigidos aos quadrinhos?*

Tenho muita vontade de poder voltar a fazer quadrinhos, mas eu gosto de fazer charge e cartum. Eu também gosto de quadrinhos, mas o problema é que os quadrinhos exigem um pouco mais de tempo e dedicação. É diferente da charge. Na charge, você tem uma grande ideia e em uma hora, no máximo, eu faço uma charge, quando o desenho é mais elaborado. Nesse álbum de quadrinhos levei quase quatro meses para fazer.

*Você tem vínculo com alguma empresa para a produção de charge e cartum?*

Eu tenho um estúdio em São Paulo, onde faço charges e cartuns

para muitos projetos gráficos e editoriais para ONGs, órgãos governamentais, para diversos lugares do Brasil e do exterior.

*À parte o trabalho profissional, você também se dedica à militância no Movimento Negro?*

Participo do movimento assiduamente com o meu trabalho. Como cartunista trabalhei durante 17 anos nos jornais, produzi um só livro, de cartuns políticos que eu fazia nos jornais. O livro chamou-se *A transação da transição*, com referência ao período em que o regime militar estava saindo e entrando Tancredo Neves. Para a *Gazeta Esportiva*, de São Paulo, fiz tiras com personagens esportivos, ligados ao futebol. Todo esse trabalho, que não é tão ligado à militância, teve certa repercussão. Mas dentro de minha carreira, tudo isso que fiz não conseguiu projetar meu trabalho tanto quanto o que faço como ativista, militante. Tenho um trabalho muito forte como militante, como uma pessoa que atua. Além de desenhar, estou sempre nos congressos e seminários, desenvolvendo projetos, cartilhas, sobre a questão racial.



A arte de Pestana na difusão de ações afirmativas e outras campanhas educativas

*Não há risco de a militância projetar uma visão limitada de seu trabalho?*

No início eu achava que poderia ter esse risco, não gostava nem de ser taxado de cartunista negro. Mas, quando comecei, havia tanta necessidade de se produzir tanta coisa e os projetos eram tão interessantes, tão audaciosos, que não podia deixar de fazê-los. Então não tive muito essa preocupa-

ção. Acabei fazendo muito trabalho nessa linha sem me preocupar muito com isso. Lembro-me que comecei a fazer cartum como assistente de Henfil no *Pasquim*, no Rio de Janeiro, e no *Jornal da República* e revista *IstoÉ* em São Paulo. Sempre cito Henfil e Jaime Leão, que me auxiliaram muito.

Eu peguei a fase do *Pasquim* que já não tinha mais Ziraldo e aquela primeira turma, já era outro pessoal. Henfil eu conheci em São Paulo. Lembro-me que certa vez ele me disse, “olha, eu posso fazer cartum sobre a questão do negro, qualquer pessoa pode fazer cartum sobre o negro”, e eu nunca tinha feito cartum sobre negro, isso ficou em minha cabeça; “ninguém detém o monopólio sobre fazer cartum sobre negro, mas eu acho que só um negro vai conseguir fazer um cartum de uma forma muito própria, muito pessoal, porque ele vivencia isso, e acho que você deveria trabalhar um pouco essa questão”.

Eu, que já era militante, comecei, então, a fazer cartuns sobre o tema, de uma forma um tanto quanto tímida; não havia uma referência, não havia cartu-

nistas negros, nada que eu pudesse seguir. No início tive muitos problemas, porque pra você fazer humor, pra fazer um cartum sem que ele seja pejorativo, sem que ele seja contrário, que ajude até o próprio opressor a oprimir mais, você tem que ter uma linguagem pra isso. Então fui aprendendo com o tempo, com a militância, ouvindo os negros iguais a mim, ou seja, eu criei uma linha, um estilo, um jeito de fazer isso.

Esse livro que fiz, *A transação da transição*, já trazia alguns

desenhos sobre a questão racial, mas você percebe que hoje, olhando para aqueles desenhos, eles tinham um enfoque de quem ainda estava aprendendo. Meu trabalho foi se desenvolvendo. Depois eu fiz uma cartilha, *O negro no mercado de trabalho*, para a Secretaria de Relações de Trabalho do Governo do Estado de São Paulo, com cartuns falando sobre discriminação no mercado de trabalho. Essa cartilha acabou virando um marco. As entidades do Brasil inteiro reproduziram es-



- Foi assaltado?
- Não, interrogado!!

ses desenhos porque, na realidade, era uma visão diferenciada de falar sobre a questão do racismo. A partir daí, passei a ser chamado para desenvolver projetos paralelos. Então comecei a trabalhar com entidades do Rio Grande do Sul à Bahia, passando por Brasília, por todos os locais.

*É um trabalho muito delicado. Eu já fiz tirinhas sobre a questão homossexual e sempre me questionava se não estava repetindo o preconceito ou se estaria sendo preconceituoso contra heterossexuais. Então, é uma linha divisória muito tênue, fazer um trabalho correto e que também seja político.*

Hoje tenho total domínio sobre isso porque são 20 anos de trabalho (desde 1984), mas eu diria que nos cinco primeiros anos eu não tinha uma linha política ou escola a seguir; quando comecei a fazer não tinha uma referência de como trabalhar isso, como não ser preconceituoso, e se corre o risco de ser. Em cada cartum sobre a questão racial eu procuro ver todos os aspectos, todos os sentidos; aí a questão do existencialismo fala

muito alto, eu me pergunto se eu me ofenderia com esse desenho. Então eu consigo entender o que Henfil falava, quando dizia que “só você vai conseguir fazer um cartum...”.

Como estava te falando, depois dessa cartilha que foi reproduzida em todo o país, eu comecei a fazer outras; fiz um trabalho bilingue, que foi editado no Brasil, mas está sendo distribuído nos Estados Unidos e lá esse trabalho passou a ser uma referência. Muitas revistas na Europa, na Inglaterra, na Alemanha, quando querem falar sobre a questão racial brasileira se reportam ao meu trabalho para ilustrar como é a discriminação por aqui, já que para eles é difícil entender o Brasil, é complicado, tem gente que é negro e não se acha negro. Eu até superei esse estigma, mas claro, ficou uma coisa positiva, hoje eu tenho total noção da importância disso. Às vezes encontro, em lugares em que vou fazer palestra, jovens militantes que falam “eu comecei a despertar para a questão racial com uma cartilha sua”, isso dá um prazer muito grande.

*Esse seu trabalho está lhe levando aos Estados Unidos para uma exposição?*

Eu já fiz quatro projetos para os Estados Unidos, fiz uma exposição de cartum no Anacostia Community Museum, em Washington; é importante resgatar qual é meu contato com os americanos pra se ter ideia desse avanço. Depois da publicação bilingue que foi distribuída lá, eles entraram em contato comigo porque queriam arquivar todos os meus trabalhos na Biblioteca do Congresso Americano; como a biblioteca daqui nunca se interessou em arquivar meu trabalho, ao menos ficaria arquivado em algum lugar, então assinei um termo, fizeram essa exposição e me convidaram para falar sobre esse trabalho; a cartilha sobre a questão racial brasileira repercutiu muito por lá porque havia muita coincidência com as questões deles. Então fui visitar várias cidades para fazer várias palestras falando sobre esse trabalho.

Foi uma espécie de intercâmbio bancado pelo Departamento do Estado Americano. Foi muito interessante porque fui falar nas Universidades para um público

negro como era trabalhar essas questões no cartum. Como fiz uma coisa muito difícil, pois é um tema delicado, tive uma preocupação muito grande em não ser preconceituoso, só vim ter segurança para tratar disso depois de cinco anos fazendo cartum, muito por conta da militância; de vez em quando se corre o risco de errar, porque é preciso ter uma vivên-



- O que você quer ser quando crescer? - Sobrevivente!



Exposição de cartuns em 2001

cia muito grande, uma vivência de militância porque a militância fica muito em cima, cobra, policia muito mais.

*Houve crítica da militância a algum de seus trabalhos?*

No início, sim, hoje não. O cartunista corre o risco de usar estereótipos e eu usava às vezes. Eu ouvi muito dizerem que “não pode isso, não pode aquilo...”, mas tem muita coisa que a gente não considera e faz e outras a gente reflete e acata.

Voltando aos Estados Unidos, quando recebi o convite eu já estava nessa fase, já tinha passado quase dez anos de profissão, então pensei, vou para um país em que a luta da questão racial foi muito forte, muito árdua, vou encontrar pares, pois, veja bem, eu desenvolvi todo esse trabalho sem ter uma referência no Brasil. Nos Estados Unidos eu queria conhecer os grandes cartunistas negros, os grandes estúdios, as distribuições, fui a várias cidades, Washington, Los Angeles, Nova Iorque, Atlanta, São Francisco, que é uma cidade maravilhosa, linda, fui a Filadélfia, Connecticut, que é onde tem o maior cartunista.

Minha surpresa foi que dentre os que faziam esse trabalho mais forte, mais político, mais ortodoxo, mais aguerrido de questionar como questiono, só tinha quatro caras, três nem tinham um traba-

lho tão forte e o único que tinha um trabalho como o meu já tinha morrido; todas as pessoas que tinham acesso ao meu trabalho diziam que o meu lembra o trabalho desse cara, que foi muito atuante durante os anos de 1960 nos Estados Unidos; ele era tão radical que foi morar no Leste Europeu por quase dez anos, depois voltou aos Estados Unidos e era tido quase como um herói. Ele tinha o trabalho arquivado na Biblioteca do Congresso Americano e o meu também estava lá, próximo ao trabalho do cara.

- *Jô Oliveira - Pestana, qual era seu público, era só negros ou tinha brancos ativistas também.*

É como aqui, você tem muitos brancos que estão envolvido na luta da questão racial e tem negros, mas nos Estados Unidos tem mais negros, porque eu ia falar com cartunistas negros, em universidades negras. Mas fui também conhecer o cara que é considerado o maior cartunista do mundo, era um branco, um judeu, em Connecticut, aí ele me contou todo seu processo de criação.



Pestana com Jô Oliveira em 2004, no Salão de Humor do Piauí

Eu tinha muita vontade de saber como funcionavam os *syndicates*. Visitei os *syndicates*, que não eram de negros, conheci o cara que fez *Batman*, na época eu não conhecia muito e até hoje não sou um cara muito inteirado nos quadrinhos, mas ele falou que já esteve duas vezes no Brasil, ele tinha um *syndicate* e também era desenhista. Foi muito legal porque eu conheci o sistema do *syndicate*, que para mim era um mito, era uma empresa extremamente organizada, gigantesca... muitas vezes não passa de uma ou duas salas em que trabalham quatro pessoas.

Caíram muitos mitos para mim essa primeira vez que fui aos Estados Unidos. O americano é extremamente simples, nós temos o hábito de complicar as coisas. O cara estava ali em uma sala, desenhando para o mundo. Laury, que é uma figura muito importante, muito respeitada nos Estados Unidos, trabalhava em casa com dois assistentes, mas tinha uma sala em Nova Iorque com uma secretária, que distribuía seus desenhos.

*JO - Profissionalmente o que te acrescentou essa viagem, já que você voltou várias vezes aos Estados Unidos?*

Com relação à questão racial, em termos de cartum foi um pouco decepcionante porque eu estava fazendo algo que para eles também era novo. Aí entendi porque eu fui chamado, porque estava fazendo algo que era novo em termos de luta contra o racismo. Uma coisa que me deixou muito feliz foi que em Los Angeles, em um centro de documentação de pôsteres tinha um pôster meu, que eu tinha feito há muitos anos; eles documentam pôsteres de luta de todo o mundo, tinha pôster da Nicarágua, da época da ditadura no Brasil, pôster do Chile, de Cuba tinha uma seção fantástica; eu passei a fazer mais pôsteres depois que eu fiz essa viagem porque fiquei entusiasmado com esse centro de documentação. Hoje devo ter cerca de 60 cartazes, pôsteres enormes ligados à questão racial e de muitas lutas; isso foi uma influência na produção, não um acrescentar na arte, mas me deslumbrou com outras possibilidades de trabalho.

*JO - Levando em consideração o novo quadrinho americano, que é um quadrinho de autor, alguns até abordando problemas sociais, você pensou em fazer quadrinhos sobre a questão negra brasileira para os americanos, que seria talvez muito bem aceito lá?*

Em termos de humor e de quadrinhos, embora meu trabalho tenha uma aceitação muito grande nos Estados Unidos, tem alguns cartuns que nossas situações são muito parecidas, em outras eles estão em outro patamar. Uma coisa que eu percebi nos Estados Unidos,

principalmente nas palestras que fiz nas Universidades, é que é impressionante como o humor deles é diferente do nosso em termos de contundência. O humor brasileiro é o humor latino, o argentino, o uruguaio, o cubano, é um humor mais ácido, mais cáustico, mais rápido; o meu humor, principalmente, tem que ser rápido, tem que fazer o cara rir. Eles têm um humor mais reflexivo, há essa diferença, eu teria que parar e pensar um pouco para me sintonizar com o humor deles.



*JO - Estive nos Estados Unidos através da Fulbright sobre livro infantil e eu tive a oportunidade de perceber, também conversando com brasileiros que escrevem e que trabalham aqui, que é muito difícil entrar no mercado americano, haja vista a história do próprio Henfil, que foi lá, batalhou e foi rejeitado. Pra você fazer um trabalho e ser aceito nos Estados Unidos tem que ter a ideologia - no bom sentido - americana, tem que ter o olhar americano, senão você não é aceito. Se você fizesse um trabalho com essa sua visão brasileira, talvez não fosse bem aceito. Você também chegou a essa conclusão?*

Eu respondi isso de outra forma. Na realidade eles têm uma cultura que é muito diferente da nossa, eu teria que me adaptar a esse estilo de humor, que não é tanto o estilo que eu gosto de fazer. Acho que o humor é uma evolução. Eu tenho, por exemplo, um livro a ser editado no qual eu estou surpreso com os cartuns que desenvolvi, um tipo de cartum que eu nunca fui muito fã e nunca fui muito bom, que é o humor sem texto, que é muito trabalhoso, muito reflexi-

vo. Eu tenho feito isso e tenho até gostado, porque mostra, talvez, um amadurecimento, talvez uma inquietação própria ao artista, que quer o tempo todo se superar, fazer outras coisas.

O humor está muito ligado à cultura, o que para nós é engraçado, para eles pode não ser; às vezes eles contam umas piadas que a gente fica tentando encontrar a graça. No final do mês estou indo outra vez para lá para fazer uma série de palestras, começo a organizar uma exposição lá, mas não estou muito preocupado em levar algo parecido com o humor deles, até porque quero mostrar o que faço aqui, independente de ser humor ou não.

*Nesse sentido, a Europa é mais aberta a outros tipos de humor, não?*

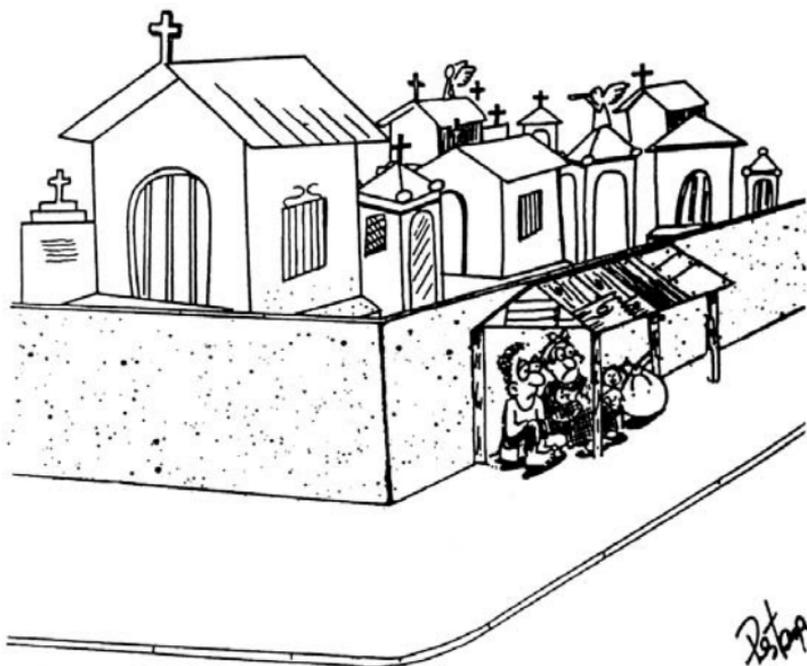
Gosto muito do humor europeu, os franceses são os melhores do mundo, eles são imbatíveis em termos de cartum; em segundo lugar eu coloco os argentinos, que são muito bons; em terceiro vem o Brasil. O grande cartunista do mundo é Sempé, acho-o fantástico, o segundo lugar é um argenti-

no, Quino, que é muito bom.  
*Fale sobre sua participação no Salão de Humor do Piauí, do qual somos convidados.*

Fui indicado a Albert Piauí - organizador do salão - e ao conhecer meu trabalho ele ficou pasmo, achou-o muito interessante. Minha participação se deu com uma

exposição de 50 pôsteres e outra de 40 cartuns.

*Pestana, muito obrigado por conceder esta entrevista; agradeço também a participação especial de Jô Oliveira, que contribuiu com suas questões.*



# Galeria - Maurício Pestana

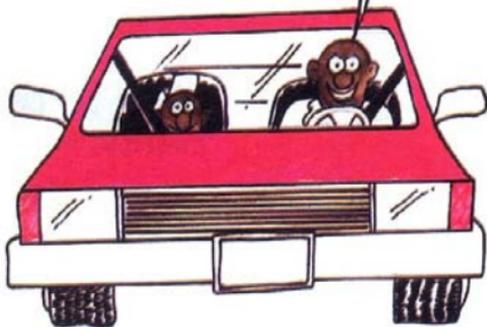








ESTE CARRO IMPORTADO  
SIGNIFICA QUE ESTAMOS SUBINDO  
NA VIDA FILHO!!!



E AQUELE  
CARRO LÁ  
ATRÁS?

SIGNIFICA QUE AGORA  
CORREMOS UM SÉRIO RISCO  
DESTA SUBIDA NOS  
LEVAR PRO CÉU!













COMO A VAGA JA FOI  
PREENCHIDA, SE SAO  
3 VAGAS E SOU  
PRIMEIRO DA FILA ?



É QUE HOJE VAMOS  
COMEÇAR A FILA DE  
TRÁS PRA  
FRENTE !





Forstner

# Chamada Geral

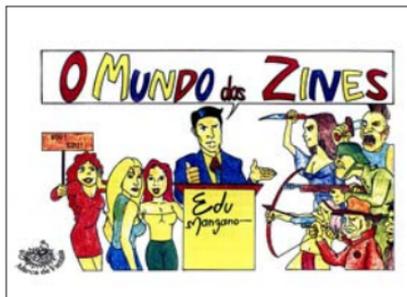
## Marca de Fantasia: editora paraibana independente

A referência eu encontrei na revista Wizard: [www.marcadefantasia.com](http://www.marcadefantasia.com) (atualizado). Uma das mais admiráveis surpresas que tive em relação ao cenário quadrinístico nacional. A qualidade do material impresso pelo editor Henrique Magalhães é simplesmente genial – na falta de adjetivo mais preciso. Papel barato, mas de praticidade indubitável. Consegue lançar autores de longa atividade no meio “underground”, para um público mais amplo. Muito bom e barato o material deles. Alguns dos títulos que eu pude ler foram os seguintes.

Eron Ramos, 08/10/2004

### ○ mundo dos Zines

Uma piada “sobre” os piadistas. Edu Manzano faz tiras sobre os próprios zineiros – pessoas que editam quadrinhos independentes e alternativos. Minha primeira impressão foi relativa-



### ○ mundo dos zines

Eduardo Manzano. João Pessoa: Marca de Fantasia, 11, 2004. 52p. 14x19cm.

mente negativa (como sempre), afinal de contas muitas de suas tiras tinham como base clichês mui comuns a (e somente a) quem vivesse no mundo da produção de quadrinhos independentes. Pertenceriam, assim sendo, a um domínio bem intimista e de reduzido público. No entanto, essa é que é a grande tirada do autor. De forma irreverente, ele critica o meio artístico, o meio revolucionário, os revolucionários de final de semana, ele mesmo (!) etc. O resultado do trabalho é uma auto-

crítica com base no feedback do próprio meio.

Um bom exemplo disso é a maneira como lista os motivos que levam à falência um bom bocado de zines: excesso de ideologia, preciosismo no formato alternativo, preguiça de seus editores, comodismo, muito planejamento e pouca ação – pra não citar a falta de talento que às vezes é historicamente evidente.

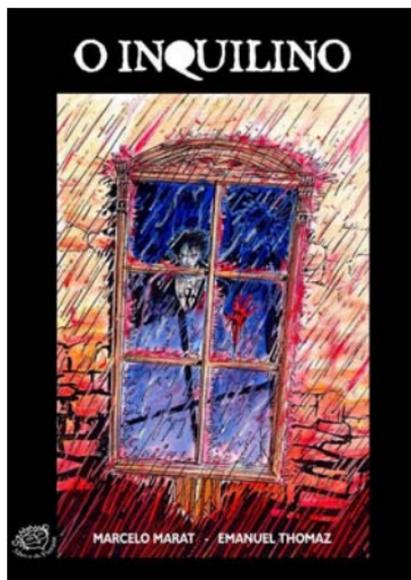
Vale a pena pra quem é zineiro rir das piadas e se ver retratado nas tiras e pra quem não é zineiro conhecer um pouco das dificuldades e atropelos próprios de quem edita esse tipo de veículo alternativo cultural.

(Nde: O livro está esgotado, mas pode vir a ter uma segunda edição).

## ○ Inquilino

Quem sempre leu quadrinhos europeus e Heavy Metal vai gostar desse material. No melhor estilo “short stories” – historietas – os artistas pulam de um tema a outro, de uma aventura a outra, de um microcosmo a outro, sem per-

der o dinamismo. A capacidade de desenvolver todo um universo em apenas algumas páginas – tão própria dos contistas – pode ser degustada através do argumento conciso e do traço dinâmico da obra. Lembra em muito o estilo de aclamadas parcerias como Segura & Ortiz, Abuli & Bernet, Migeat & Chaboute. Melhor de tudo, temas totalmente nacionais.



## ○ Inquilino

Marcelo Marat e Emanuel Thomaz. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2003, 64p. 17x24cm.

## Os Frustrados (Les Frustrés)

O grande crédito dessa edição é, em minha opinião, a conclamação da editora Marca de Fantasia como veículo de integração ideológica mundial. Numa iniciativa dantes compartilhada por grandes nomes do pensamento contemporâneo como o inigualável Art Spiegelman, Henrique Magalhães trouxe para seu país, através de uma editora independente, uma autora estrangeira. A edição do material dessa artista francesa não pretere os nacionais. Outrossim, enaltece o papel acima citado da editora.

A respeito das tiras, creio que podem ser classificadas como

as progenitoras de personagens mais atuais como as “Mulheres Alteradas” da Argentina Maitena e de nossa “Radical Chique”. Há realmente muito a se dizer sobre a profundidade ideológica contida na superficialidade das situações cômicas de seus personagens contidos em tiras verticais de “ilimítrofes”. Mas, francamente, o material dessa autora já é algo tão conhecido no mundo moderno que não acrescentaria muito dois ou três parágrafos a mais escritos a seu respeito.

### Os Frustrados

Claire Bretécher. Tradução de Henrique Magalhães. 2a. ed. João Pessoa: Marca de Fantasia. 2012. 64p. 14x20cm.



## Resgate seminal

Recebi os lançamentos da Marca de Fantasia. Sinto-me privilegiado de ganhar de você esses presentes tão bacanas e poder sempre acompanhar a trajetória de sua editora. Muito obrigado.

Gostei muito do livro de Maria, com este volume pude conhecer mais a fundo a história da personagem, ver a evolução do seu traço ao longo dos anos e o caminho de seus roteiros que foi da contestação contra o regime militar a temáticas mais intimistas e até existenciais na fase contemporânea da personagem. Um trabalho de resgate seminal, com esse álbum percebi mais claramente a importância de Maria, o seu pioneirismo na cena brasileira.

O texto de Gonçalo Junior é esclarecedor e emocionante pois coloca perfeitamente os pingos nos "is" esclarecendo o verdadeiro valor de Maria e a importância de seu trabalho como autor, edi-

tor e incentivador da HQ autoral de qualidade!

É bacana podermos rever nosso passado através da arte, eu imagino como deve ter sido prazeroso e revelador ao mesmo tempo, lançar esse olhar para os primórdios de sua personagem e reconhecer-se ali. Às vezes eu olho trabalhos meus antigos, de 15 anos atrás e consigo perceber perfeitamente o meu contexto de vida nesses trabalhos. Nossa obra é sempre um reflexo de nós mes-

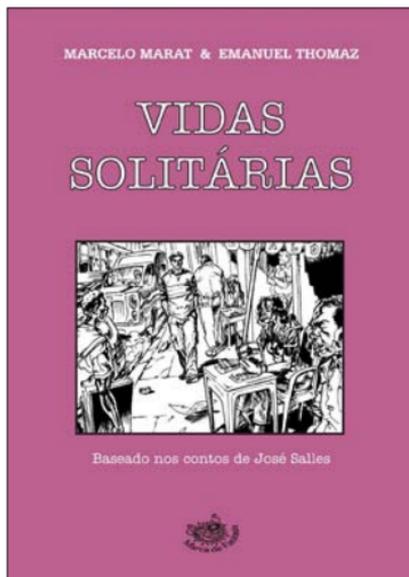


mos, é impossível desvencilhar-mo-nos desse estigma - visceral e maravilhoso.

Fiquei muito curioso pra conhecer esse trabalho “Amor, a maior das Subversões” e espero que venha a ser editado o mais rápido possível, assim como outros álbuns de Maria pela Marca de Fantasia. Sugiro que um desses álbuns traga só as tirinhas em defesa das minorias sexuais - já que a personagem é pioneira no tratamento dessas temáticas.

Mas o melhor será ver também um álbum com HQs inéditas da personagem, intuo que você está empolgado pra criar novos quadrinhos de Maria e isso é muito bom!

Gosto muito da obra de José Salles, sua escrita é pungente, triste e até doentia, às vezes, mas é visceral, provém da alma do escritor, é genuína e não se prende a moral nenhuma - Salles é um filho legítimo da fusão improvável entre as obras de Glauco Matoso, Marcatti & Bukowski, com um tempero paulistano/niilista - suburbano único. O mais interessante é que muitas vezes os seus contos têm uma pureza e doçura grandiosas em sua essência.



O desenho de Emanuel Thomaz é fenomenal, ele tem um profundo domínio da anatomia (fazendo escorços invejáveis), da perspectiva e do enquadramento. Além disso seus quadrinhos são muito expressivos têm vida própria - é só reparar nas expressões faciais da HQ “Estranho Amor” - um dos vários exemplos da expressividade de seu traço. Marcelo Marat roteirizou com segurança as HQs.

A única crítica vai para os balões e o tipo gráfico escolhido - muito rígidos e duros, criando

um contraste não muito agradável com a fluidez dos desenhos. Mas você acertou mais uma vez ao investir nesse trabalho, publicando um álbum que dificilmente encontraria eco entre algum outro editor no Brasil pela provocação temática. Parabéns!!

Edgar Franco

Poços de Caldas, MG. Ago. 2005.

*Obrigado por palavras tão carinhosas. Eu sabia que esses dois lançamentos iriam lhe tocar bastante. Maria, pela revelação de mim mesmo, que ela traduz. Vidas solitárias, pela beleza do trabalho dos três autores. Enfim, fico realmente contente que você tenha gostado.*

*Fazer essa edição de Maria foi uma verdadeira viagem no tempo. Vi-me adolescente, criando as primeiras tiras. Sentí de novo a emoção das primeiras publicações nos jornais e nas revistas. E prossegui na evolução do traço e da temática. Foi muito prazeroso todo esse processo editorial, mas também me deu um enorme trabalho. Descobri a irregularidade de minha produção, o monte de*

*tiras mal resolvidas, imaturas, mal feitas, muitas datadas, o que não é nenhum pecado, faz parte do processo de crescimento. Mas também encontrei muita coisa boa, muito mais do que essa edição poderia comportar.*

## Encosto

No próximo dia 7 vou lançar mais um zine: o Encosto.

Para essa publicação convidei alguns amigos com a missão de registrarem em forma de ilustração uma imagem do diabo. E isso resultou em mais de 40 artistas desenhando para esse zine.

Esse é o primeiro zine que eu me dediquei exclusivamente na edição e talvez seja o que eu tenha tido mais trabalho, uma vez que nunca tive uma quantidade tão grande de colaboradores.

Para não prejudicar as artes, optei em não fazer cópias frente e verso do papel que comporá o miolo, logo, será bem grosso e, por isso, a encadernação será feita com costura, estilo japonesa. Ou seja, terei muuuuito trabalho!

O lançamento será durante a

feira Zine Die (leia-se “zine di”, do latim), em Osasco/SP.

Após o lançamento, divulgarei a forma de aquisição via correio. Anexo o flyer do lançamento.

Abraços e até mais!

Márcio Sno

São Paulo, agosto 2016.

*Muito boa a proposta, Márcio. O fanzine teima em resistir num universo cada vez mais virtual. Não resisti ao desejo e estou lançando mais um número do Top! Top! depois de mais de seis anos fora do circuito. O público*

*é pequeno - ou nem existe - mas, dane-se, quero ter novamente o prazer de fazê-lo.*

*Abraço, Henrique*

AAHAHAHA!

Muito bom: dane-se!

Que excelente notícia saber da volta do Top! Top!!!! Quanta alegria!

Lembra que estávamos falando de “menos discurso e mais ação”? Poisé, isso é mais forte que nós! ahahah!

Forte abraço!

Márcio Sno



**VOCÊ NUNCA VIU  
TANTO DIABO JUNTO!**

Mais de 40 artistas mostram suas versões do personagem mais temido da humanidade

LANÇAMENTO DO ZINE ENCOSTO DURANTE O

**ZINE DIE**

**07/08**  
domingo - das 10h às 18h

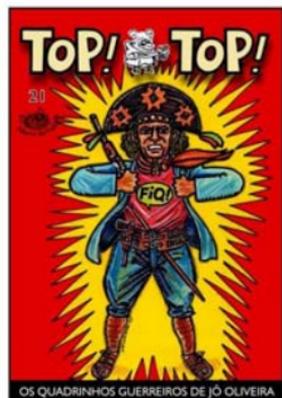
MUSEU DIMITRI SENSAUD DELAUAUD  
AV. DOS AUTONOMISTAS, 4001  
CENTRO - OSASCO/SP

ARTE DA CAPA: DR. INVENTO

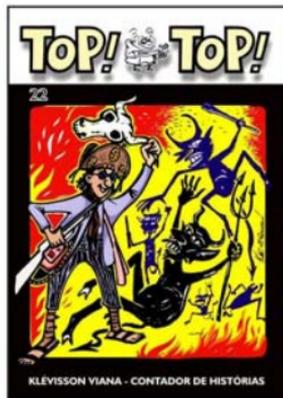
ENCOSTO

Márcio Sno  
PRODUÇÕES

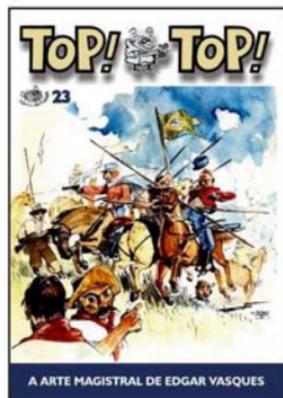
# Quadrinhos brasileiros em revista



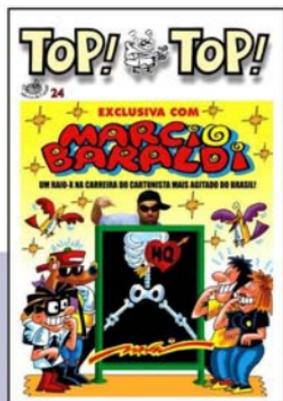
Jô Oliveira



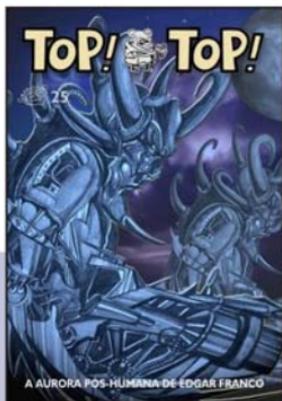
Kléysson Viana



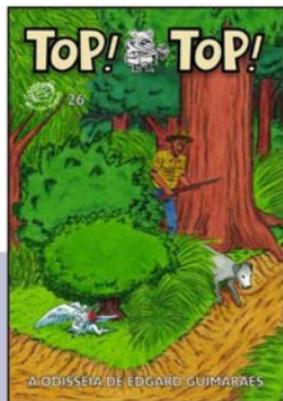
Edgar Vasques



Márcio Baraldi



Edgar Franco



Edgard Guimarães